

# Hospital Zerbini amplia número de transplantes

O Hospital de Transplantes Eurclides de Jesus Zerbini (antigo Hospital Brigadeiro), no Jardim Paulista, zona sul da capital, comemora o índice de 20% de aumento no número de transplantes. Foram realizados 183 procedimentos em 2014, ante 153 em 2013. No ano passado, houve 59 transplantes de rim, 54 na área de hematologia, 34 hepáticos e 36 de córnea.

FOTOS: CLEO VELLEDA



Instituição comemora aumento de 20% no número de intervenções; taxa de sobrevivência de pacientes um ano após a cirurgia é de 80%

**Unidade realizou 183 procedimentos no ano passado (em 2013, foram 153); instituição responde por 6% de cirurgias de fígado no Estado**

De acordo com a Secretaria de Estado da Saúde, em 2014, o hospital respondeu por 6% dos transplantes de fígado do Estado de São Paulo. “Há dois anos, fizemos 5% dos procedimentos. Dados parciais de 2015 indicam elevação para 8%. Um dos motivos para essa ampliação é que os pacientes estão sendo mais bem preparados antes da operação, o que evita adiamentos”, explica o coordenador de transplantes de fígado da unidade, hepatologista Carlos Eduardo Sandoli Baía.

A avaliação antes da cirurgia inclui consultas e exames detalhados nas áreas de cardiologia, pneumologia e até odontologia. Se a equipe identificar eventuais problemas de saúde, o paciente é tratado para ser operado o mais rápido possível, nas condições adequadas.

Enquanto a taxa de sobrevivência registrada um ano após o transplante de fígado no Zerbini foi de

80% nos últimos dois anos, a média em outros hospitais paulistas especializados em transplantes foi de 71% em 2013 e de 69% em 2014.

**Reconhecimento** – Um diferencial que atesta a quantidade e qualidade do serviço no Hospital de Transplante é a conquista do Selo Nível I da Organização Nacional de Acreditação (ONA). Concedido no final de 2012, foi a primeira vez no País que a ONA reconheceu um hospital público com transplante de fígado.

Para a gerente de qualidade da instituição, infectologista Paula Tuma, a queda de 20% nos casos de infecção hospitalar e a comunicação entre as equipes de saúde a respeito de cada caso atendido são algumas das ações que garantiram a obtenção do selo.

A expectativa de Paula é que, até o fim do ano, o hospital obtenha o Selo de Acreditação Nível II: “Trabalhamos para diminuir ainda mais as taxas de infecção hospitalar. Orientamos os serviços públicos de saúde para preparem melhor o paciente antes do transplante. O próprio doente recebe informações detalhadas para seguir recomendação médica pré-operatória. Queremos evitar que as cirurgias sejam adiadas”, diz a infectologista.

De acordo com a pasta da Saúde, as doações paulistas de órgãos aumentaram:

foram 895 no ano passado, ante 836 em 2013. Sandoli Baía explica que a secretaria e a Central de Transplantes do Governo obtêm esse resultado porque investem na detecção de potenciais doadores, treinamento de equipes de saúde para efetivação do procedimento e comunicação à Secretaria da Saúde.

**Ampliar equipe** – No entanto, ele diz que nem todos os órgãos têm qualidade para transplante. O fígado será descartado se o falecido apresentar infecções graves e doenças associadas, como HIV e parada cardíaca. O hospital realizou 59 transplantes renais em 2014, ante 29 no ano anterior. O nefrologista Diogo Medeiros, coordenador da área, informa que o serviço está sendo reestruturado; a previsão é ampliar a equipe de nefrologistas e urologistas especializados no procedimento. “Nosso objetivo é assistir os pacientes com doenças renais da melhor forma possível, para que os casos não progridam até necessitarem de hemodiálise e transplante”, informa Medeiros.

O hospital registra mensalmente de 3 a 4 mil atendimentos a doentes com problemas renais em estágios que não exigem hemodiálise. “Essa assistência facilita o acesso de pessoas que precisam de transplante renal”, observa o nefrologista. Ele informa que o Estado de São Paulo registra 10 mil doentes que aguardam o



Baía: pacientes preparados antes da cirurgia

transplante de rim e 20 mil pacientes que fazem hemodiálise.

Na opinião do nefrologista, é impossível reduzir a fila do transplante porque a tendência é o aumento da expectativa de vida da população. Assim, haverá mais idosos e mais doentes. Diabetes e pressão alta são as principais causas do comprometimento dos rins.

“Quando a falha do rim é grave, diálise e hemodiálise são necessárias para substituir a função renal. Esse paciente deve fazer sessões enquanto não chega o órgão compatível para o transplante. Há pessoas que fazem hemodiálise por até dez anos”, informa o doutor Medeiros.

Viviane Gomes  
Imprensa Oficial – Conteúdo Editorial



Medeiros: 10 mil aguardam transplante de rim

## “Doação de órgãos significa vida nova”

Em um procedimento que durou mais de oito horas, a auxiliar de enfermagem Dalva Maria dos Santos, 59 anos, fez transplante duplo (fígado e rim) e cirurgia de hérnia umbilical. Devido ao câncer de fígado, ela fez o transplante do órgão, pela primeira vez, em 2010. Mas, por também tratar hepatite C, não pôde tomar imunossupressor (medicamento para evitar rejeição ao órgão implantado).

“Precisei transplantar o fígado e o rim, em fevereiro. Agora estou bem. O atendimento aqui é maravilhoso! Dessa



Dalva fez transplante de fígado e rim

vez, esperei seis meses para operar”, conta Dalva, que mora na Vila Nova Cachoeirinha, zona norte e faz um apelo: “Familiares de falecidos não devem ter dúvida. Para mim, a doação de órgãos significa vida nova. Após a recuperação, só quero passear muito.”

## “Viver sem restrição”

O cuiabano Jarismar Nogueira da Silva, 60 anos, comemora o funcionamento do novo rim. “Fiz hemodiálise durante cinco anos, três vezes por semana, sem nunca faltar. Ou fazia, ou morria. Não podia viajar de carro durante muitas horas. Sentia fraqueza e indisposição no dia da sessão. Agora, estou autorizado a viajar de carro, sem restrição; ganhei mais liberdade”, analisa Jarismar, que veio do Nordeste para ser operado no dia 19 deste mês.

Em 1991, ele caiu e lesionou o rim. Como não procurou assistência médica, o problema evoluiu para infecção grave



Jarismar comemora funcionamento do novo rim

(nefrite renal). Inscrito no cadastro nacional de transplantes há um ano e sete meses, optou pela operação em São Paulo. Com transporte aéreo custeado pelo Sistema Único de Saúde (SUS), elogia o atendimento da equipe do hospital e agradece aos familiares pela doação.